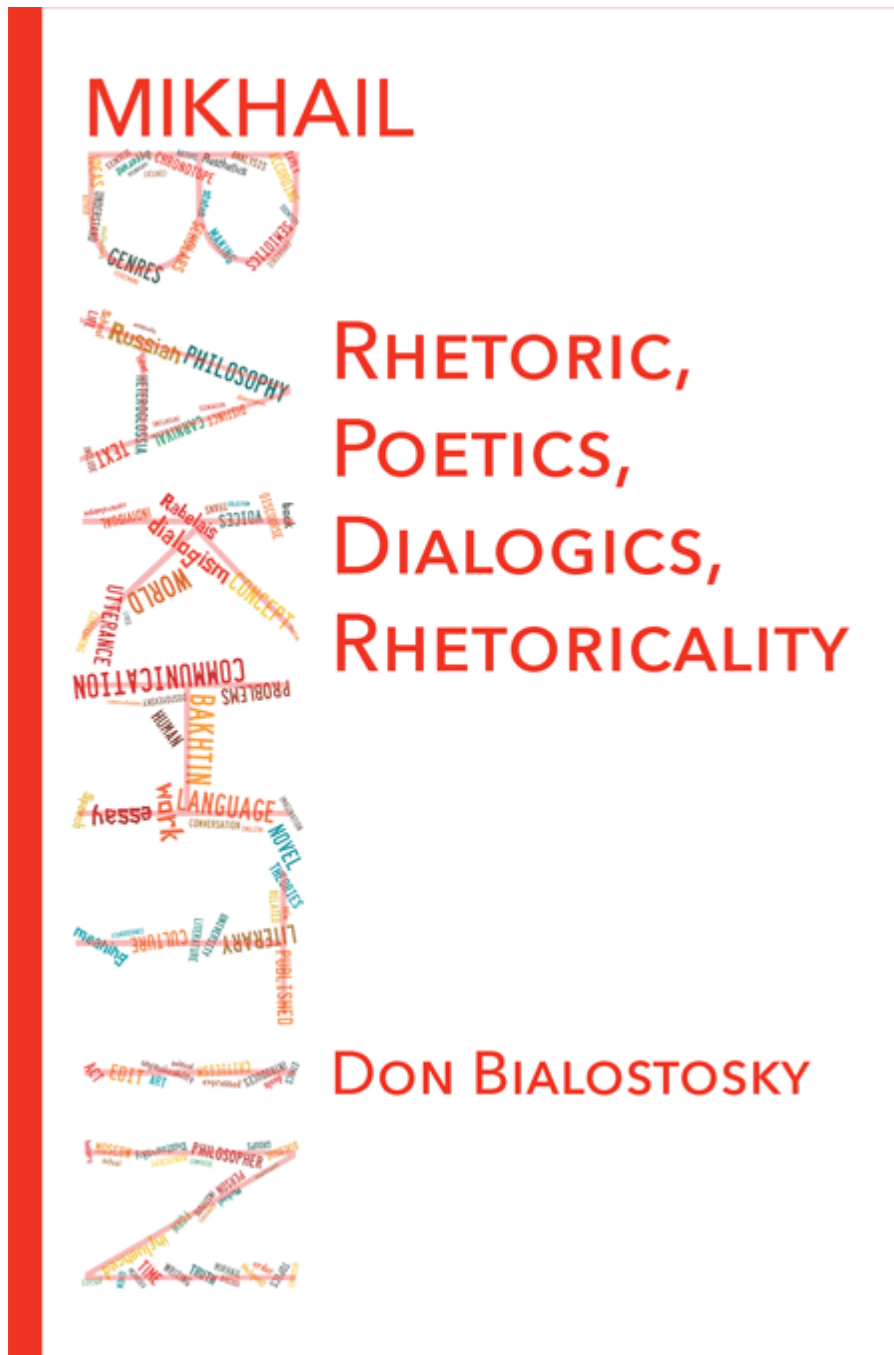


**BIALOSTOSKY, Don. *Mikhail Bakhtin. Rhetoric, Poetics, Dialogics, Rhetoricity* [Mikhail Bakhtin: retórica, poética, dialógica, retoricidade]. Anderson, South Carolina: Parlor Press, 2016. 191 p.**

*Maria Helena Cruz Pistori \**



\* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP/*Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, São Paulo, Brasil; mhcpist@uol.com.br

Início esta apresentação destacando e comentando o título da obra, *Mikhail Bakhtin: retórica, poética, dialógica, retoricalidade*. A enumeração, aposta ao nome do filósofo russo, claramente representa uma síntese feliz de duas trajetórias: a primeira, a do próprio autor - Don Bialostosky, cujo percurso intelectual se inicia com o interesse pelas disciplinas do *trivium*, especialmente a Retórica e a Poética, passando depois a relacioná-las à obra de Bakhtin; a segunda, a trajetória do próprio livro, que coloca em diálogo a obra bakhtiniana com esses outros campos de conhecimento e, por muitas vezes, propõe leituras bastante originais, chegando à “dialógica” e, depois, à “retoricalidade”. Implicitamente, e dando unidade aos textos, está o compromisso do autor com o ensino da produção textual escrita, aspecto que também se destaca ao longo de todos os artigos.

O nome de Don Bialostosky - segundo a contracapa da obra, professor na área de Redação, Letramento, Pedagogia e Retórica, além de Chefe do Departamento de Inglês da University of Pittsburgh, Pennsylvania<sup>1</sup> -, chama a atenção dos brasileiros ou por seu interesse na obra do Círculo – no Posfácio da tradução de *Para uma filosofia do ato responsável*, Faraco cita seu diálogo (polêmico) com Morson e Emerson (BAKHTIN, M. São Carlos – SP: Pedro&João Ed., 2010, p.148); ou, principalmente, como é o meu caso, por seus trabalhos que relacionam a obra bakhtiniana à retórica.

Fruto de pesquisas profundas tanto dos clássicos como da obra do Círculo de Bakhtin, os ensaios aqui reunidos surgem dos diálogos que Bialostosky encetou durante sua carreira, com diferentes interlocutores. Na realidade, trata-se da reunião de trabalhos publicados desde 1986, de forma esparsa, por instituições acadêmicas como a *Modern Language Association (PMLA)*, ou a *Rhetoric Society of America*, ou organizados em livro por acadêmicos, preferentemente americanos. E em todos eles vamos observar que o autor sempre está respondendo a alguma questão, ora refutando, ora confirmando, discordando, antecipando as respostas contrárias e objeções potenciais, procurando apoio, etc. Dá espaço aos interlocutores contemporâneos, porém vai apresentá-los sempre criticamente, assim como faz com aqueles parceiros mais constantes, Aristóteles e Bakhtin. Embora apenas no último artigo afirme que vai manter nele o registro da

---

<sup>1</sup> Currently he is Professor in the Composition, Literacy, Pedagogy, and Rhetoric track and Chair of the English Department at the University of Pittsburgh.

presença das vozes de seus ouvintes e os comentários dos colegas – em geral, os artigos surgiram de comunicações orais em congressos -, os diálogos e polêmicas inscritos em todos os textos são facilmente recuperáveis numa leitura atenta, mesmo se velados.

Já no Prefácio, Don Bialostosky conta de sua descoberta da obra de Mikhail Bakhtin, em 1984, e da primeira apresentação de um trabalho sobre as implicações da teoria bakhtiniana para o ensino da produção de uma voz autêntica nos textos de estudantes universitários, na convenção da *Conference on College Composition and Communication (CCCC)* [Conferência sobre Produção Textual Universitária e Comunicação]. Naturalmente, começa lembrando o fato de a retórica ser marginal na obra bakhtiniana, com referências quase hostis e reducionistas. Justamente por isso, uma das principais questões que busca responder ao longo dos artigos é sobre o porquê de Bakhtin, autor que não tem nada de bom a dizer sobre a retórica, ser obrigatório e produtivo para estudantes de retórica e produção textual hoje.

Na Introdução, apresenta-nos vários autores que procuraram compreender Mikhail Bakhtin e o Círculo, relacionando-os a uma crítica retórica, e aponta a inclusão de suas obras em publicações na área de comunicação, retórica e composição. Para aqueles interessados tanto na retórica quanto na teoria do discurso bakhtiniana, e ainda no ensino de língua/linguagens, a leitura deste início é indispensável, não apenas como uma necessária e rica contextualização do que vem a seguir, mas também como fonte de indicações bibliográficas na área.

O livro está dividido em duas partes, que correspondem aos dois momentos em que a obra do Círculo foi traduzida para o inglês. Assim, na primeira parte Dialógica, retórica, crítica [*Dialogic, Rhetoric, Criticism*], o diálogo do autor se dá principalmente com *Problemas da poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, M. M.), *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLOSHINOV, V. N.), *O discurso na vida e o discurso na poesia* (VOLOSHINOV, V. N.)<sup>2</sup> e os textos que compõem a coletânea *The Dialogic Imagination*

---

<sup>2</sup> VOLOSHINOV, V. N. *Marxism and the Philosophy of Language*. Trans. L. Matejka and I. R. Titunik. New York: Seminar, 1973; *Discourse in Life and Discourse in Art*. In *Freudianism: A Critical Sketch*. Ed. Neil H. Bruss. Trans. I. R. Titunik. Bloomington: Indiana University Press, 1987. Sem constar da tabela da p.vi, mas também citados: Os gêneros do discurso [*The Problem of Speech Genres*], que no inglês se encontra em BAKHTIN, M. M. *Speech Genres and Other Late Essays*. Ed. Michael Holquist and Caryl Emerson. Trans. Vern W. McGee. Austin: University of Texas P, 1986; Apontamentos de 1970-1971 [*Extracts from 'Notes' (1970-1971)*], que se encontra em BAKHTIN, M. M. *Bakhtin: Essays and Dialogues on His Work*. Ed. Gary Saul Morson. Chicago: University of Chicago Press, 1986; e *Rabelais and His World*. Trans. Helene Iswolsky. Cambridge, MA: MIT Press, 1968.

(BAKHTIN, M. M.)<sup>3</sup>, todos traduzidos antes de 1990. Conforme Bialostosky, neste momento, a “dialógica” é a questão mais importante para aqueles que trabalham com retórica e composição, e ele a define como a quarta arte do *trivium* já no primeiro artigo, Dialógica como uma arte do discurso (2) [*Dialogics as an Art of Discourse*]. Na construção de seu argumento, parte da oposição aristotélica entre retórica – arte do discurso centrada nas pessoas, e dialética – arte do discurso centrada em ideias/teses – para a compreensão do que considera a “arte bakhtiniana”, a dialógica – centrada na inseparabilidade entre ideias e pessoas, tal como Bakhtin coloca em *Problemas da poética de Dostoiévski* – a imagem de uma ideia é inseparável da imagem de uma pessoa, aquela que carrega a ideia. Se a dialética luta pela convicção numa questão e a retórica pela persuasão de uma audiência, a dialógica luta por uma responsividade compreensiva, e uma responsabilidade consequente entre pessoas-ideias de um tempo, uma cultura, uma comunidade, ou uma disciplina. A partir desses princípios, dialoga com outros autores, como Tzvetan Todorov, Merle Brown, Richard Rorty e Hans-Georg Gadamer, mostrando que os 25 séculos de história do *trivium* no Ocidente também deixaram marcas em suas ideias. No entanto, apenas a dialógica, segundo ele, permite o diálogo entre a retórica, a dialética e o discurso dos teóricos atuais, possibilitando a articulação das diferenças entre eles. Este capítulo proposicional é um dos mais importantes no livro, ainda que, na realidade, os outros o complementem, esclarecendo melhor as possibilidades dialógicas entrevistas por Bialostosky entre a obra bakhtiniana e as artes do *trivium*.

O capítulo seguinte (3), Booth, Bakhtin e a cultura da crítica [*Booth, Bakhtin, and the Culture of Criticism*], é dedicado ao exame da crítica retórica a partir da visão pluralista de crítica literária contemporânea de Wayne Booth. Orientador de tese de Bialostosky, autor de *The rhetoric of fiction*<sup>4</sup>, introdutor da tradução de *Problemas da poética de Dostoiévski* e aristotelista da Escola de Chicago, é a ele que esta obra é dedicada. Bialostosky faz a leitura da obra de Booth, afirmando que ele, ao tentar chegar a bons termos com o trabalho do Círculo, defende (impositivamente) um posicionamento

---

<sup>3</sup> BAKHTIN, M. M. *The Dialogic Imagination*. Four Essays. Edited and translated by Michael Holquist and Caryl Emerson. Austin: University of Texas Press, 1982. No inglês, encontram-se na coletânea os seguintes ensaios: O discurso no romance [*Discourse in the novel*]; Da pré-história do discurso romanesco [*From the Prehistory of Novelistic Discourse*]; Epos e romance (Sobre a metodologia do estudo do romance) [*Epic and Novel*]; e Formas de tempo e de cronotopo no romance (Ensaio de poética histórica) [*Forms of Time and of the Chronotope in the Novel*].

<sup>4</sup> *The Rhetoric of Fiction*. Chicago: University of Chicago Press, 1961.

em relação às outras possibilidades de crítica que mais o aproxima da retórica do que da dialogia. Em Retórica, crítica literária, teoria e Bakhtin (4) [*Rhetoric, Literary Criticism, Theory, and Bakhtin*], defendendo a possibilidade de uma crítica retórica para a leitura de trabalhos literários de todos os tempos, o capítulo se dedica inicialmente a tratar do debate entre o desconstrutivismo e a Escola de Chicago (aristotélica). A seguir, dialoga com a leitura que Jeanne Fahnestock<sup>5</sup> faz das figuras de pensamento como elementos de interação contextual, ampliando-a bakhtinianamente.

O quinto capítulo (5) denomina-se Bakhtin e a crítica retórica [*Bakhtin and Rhetorical Criticism*]. Trata-se de um ensaio bastante interessante para aqueles que se surpreendem com a posição hostil de Bakhtin em relação à retórica, querendo compreendê-la. Sua origem é o debate dos trabalhos de Kay Halasek e Michael Bernard-Donals, numa convenção da *Modern Language Association*, em 1990. Em relação à primeira, que atribui a hostilidade de Bakhtin à sua recusa a um monologismo e dogmatismo “em defesa da autoridade opressora” (o regime soviético), propondo uma retórica dialógica, Bialostosky recorre a texto de Nina Perlina. Segundo essa última, Bakhtin se opõe, de fato, ao teórico retórico formalista seu contemporâneo, Victor Vinogradov, uma voz oficial da propaganda soviética, para quem a retórica é um jogo agonístico, cuja intenção principal é tornar sua oratória a única manifestação discursiva efetiva de autoridade (Com certeza, posição a conferir!). Quanto a Bernard-Donals, que almeja uma abordagem mais científica ao debate retórica, responde sobretudo com as oposições aristotélicas entre retórica, dialética e analítica, atribuindo ao interlocutor uma posição platônica. O final do ensaio deve despertar um interesse especial nos educadores, pois o autor retoma a *exercitatio* retórica e suas semelhanças com o processo bakhtiniano de apropriação de palavras (a palavra própria e as semi-alheias), propondo que “[U]ma pedagogia crítica e produtiva da poderosa articulação entre retórica e dialógica pode se desenvolver por meio do aprofundamento da história e da prática da *exercitatio* em combinação com reflexões ulteriores acerca da formação dialógica do sujeito”<sup>6</sup>.

Finalizando a primeira parte o capítulo 6, Antilógica, dialógica e psicologia sofisticada social [*Antilogics, Dialogics, and Sophistic Social Psychology*] articula a

---

<sup>5</sup> *Rhetorical Figures in Science*. New York: Oxford UP, 1999.

<sup>6</sup> No original: “A critically fruitful and pedagogically powerful articulation of rhetoric and dialogics might well grow out of further excavation of the history and practice of *exercitatio* in combination with further reflection on the dialogic formation of the subject” (p.72).

dialógica com o renascimento dos sofistas na recente teoria retórica, e examina trabalhos do sociólogo Michael Billig sobre a retórica de Protágoras. O autor começa, então, a reelaborar a polêmica definição de retórica já apresentada, diluindo-a num não institucionalizado processo discursivo - uma “retoricalidade”, na segunda parte do livro.

É em torno dos textos de Bakhtin com tom mais filosófico, traduzidos posteriormente para o inglês - a coletânea *Art and Answerability*<sup>7</sup>, em 1990, e *Toward a Philosophy of Act*<sup>8</sup>, em 1993 -, que Bialostosky reúne os ensaios da segunda parte, Arquitetônica, poética, retoricalidade, educação liberal [*Architectonics, Poetics, Rhetoricality, Liberal Education*]. Considera-os, de fato, igualmente importantes para os trabalhos com a linguagem e a literatura e continua a buscar neles contribuições para uma renovada compreensão das artes do *trivium*, refutando uma leitura de *Para uma filosofia do ato (PFA)* como basicamente um tratado de ética. Ao longo dos ensaios, o autor conduz o leitor à noção de “retoricalidade”, difundida por Bender e Wellbery<sup>9</sup>, que caracterizam os trabalhos de Bakhtin como “tratados virtuais sobre a natureza e funcionamento da retoricalidade”, uma “retórica generalizada que penetra os mais profundos níveis da experiência humana, ... não limitada por nenhuma organização institucional, ... não mais o título de uma doutrina e de uma prática... [mas] alguma coisa como a condição de nossa existência” (p.14; minha tradução)<sup>10</sup>. Bialostosky abraça essa perspectiva dinâmica, preferível a uma arte dialógica disciplinada, restritiva ou reguladora, segundo ele.

No capítulo 7, O rascunho grosseiro de Bakhtin [*Bakhtin's 'Rough Draft'*], os interlocutores preferenciais do autor são Gary S. Morson e Caryl Emerson, especialmente em *Mikhail Bakhtin: Creation of a Prosaics*<sup>11</sup>; mas outros ainda que, como Helen

---

<sup>7</sup> BAKHTIN, M. M. *Art and Answerability*. Early Philosophical Essays by M. M. Bakhtin. Edited by Michael Holquist and Vadim Liapunov. Translation and notes by Vadim Liapunov. No inglês, encontram-se nesta coletânea os seguintes ensaios: Arte e responsabilidade [*Art and Answerability* (1919)], O autor e a personagem na atividade estética [*Author and Hero in Aesthetic Activity* (ca. 1920-1923)], Suplemento: O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária [*Supplement: The Problem of Content, Material, and Form in Verbal Art* (1924)].

<sup>8</sup> BAKHTIN, M. M. *Toward a Philosophy of the Act*. Edited by Vadim Liapunov & Michael Holquist. Translation and notes by Vadim Liapunov. Texas: University of Texas Press, 1993.

<sup>9</sup> BENDER, J.; WELLBERY, D. E. *The Ends of Rhetoric: History, Theory, Practice*. Palo Alto: Stanford University Press, 1990.

<sup>10</sup> No original: “virtual treatises on the nature and functioning of rhetoricality” (p. 37), a “generalized rhetoric that penetrates to the deepest levels of human experience, . . . bound to no specific set of institutions, . . . no longer the title of a doctrine and a practice . . . [but] something like the condition of our existence” (p.25).

<sup>11</sup> MORSON, G. S.; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: Creation of a Prosaics*. Palo Alto: Stanford

Rothschild Ewald, defendem uma nova ênfase a questões éticas nesses primeiros trabalhos, praticamente invalidando quase uma década de apropriação da obra de Bakhtin nos estudos de composição, de modo predominantemente socioconstrutivista. Basicamente, Bialostosky não concorda com a leitura realizada por Morson e Emerson, que reduz a importância da linguagem e da sociedade na obra bakhtiniana, alegando que maior atenção deveria ser atribuída a “histórico”, como epíteto do ato responsável, assim como do enunciado concreto.

O capítulo 8, Arquitetônica, retórica e poética no primeiros estudos fenomenológicos e sociológicos do Círculo de Bakhtin [*Architectonics, Rhetoric, and Poetics in the Bakhtin School's Early Phenomenological and Sociological Texts*] dá continuidade à argumentação anterior. E, junto aos dois seguintes, cap. 9 – A Retórica de Aristóteles e a teoria do discurso de Bakhtin [*Aristotle's Rhetoric and Bakhtin's Discourse Theory*] e cap.10 – Relendo o papel da retórica na *Poética* de Aristóteles à luz da teoria do discurso de Bakhtin: retórica como *dianoia*, poética como uma imitação da retórica [*Rereading the Place of Rhetoric in Aristotle's Poetics in Light of Bakhtin's Discourse Theory: Rhetoric as Dianoia, Poetics as an Imitation of Rhetoric*], são os ensaios que buscam mais detalhadamente compreender uma retórica bakhtiniana, concomitantemente a uma retórica e a uma poética clássicas a partir da teoria do discurso do Círculo. Nesses três capítulos, o autor nos leva a raciocinar em termos de categorias da retórica, da poética e da teoria do discurso bakhtiniana, abordando tanto os primeiros quanto os demais trabalhos de Bakhtin e membros do Círculo, e apontando o impacto que exercem na reconsideração de ambas as disciplinas clássicas. Indico a seguir apenas algumas questões levantadas por Bialostosky: a oposição de Bakhtin a um conhecimento sistematizado ou racionalizado em *PFA* aproximaria seu pensamento do modo de raciocínio retórico; a preocupação de seus textos com participação, avaliação, decisão e ação, e a questão do tom emotivo-volitivo, revelariam uma preocupação comum à retórica; o reconhecimento de que Bakhtin estrutura seu trabalho sobre a poética de Dostoiévsky a partir do fundo teórico da *Poética* de Aristóteles; ou ainda a observação de que, “em sua teoria do discurso, ele reabilita a mais abjeta parte da retórica aristotélica, a *actio*” – tratando do enunciado concreto, efetivamente realizado, “e subordina a mais

---

University Press, 1990.

importante – *inventio*, à *dispositio*, *elocutio* e *actio*<sup>12</sup>. A plena exposição do profundo raciocínio argumentativo do autor naturalmente não caberia em uma resenha...

Educação liberal, escrita e o indivíduo dialógico (11) [*Liberal Education, Writing, and the Dialogic Self*], o último artigo, é seu primeiro trabalho sobre Bakhtin e o ensino da escrita. Em parte um metatexto, na medida em que é um texto sobre a produção de textos, expondo o próprio trabalho de produção textual do autor, conta-nos das revisões e atualizações efetuadas no antigo manuscrito para inseri-lo nesta coletânea, das modificações requeridas ao mudar sua audiência, ou mesmo ao transformar a comunicação oral em escrita. Respondendo a teorias expressivistas e socioconstrutivistas, afirma que “ensinar a escrever de uma perspectiva dialógica é diferente de fazê-lo a partir de outras teorias sociais do discurso, em sua visão de pessoas ideologicamente situadas, envolvidas em lutas sobre o sentido das coisas e a propriedade das palavras” (p.152; minha tradução)<sup>13</sup>. Por meio de tal perspectiva, dá-se a descoberta da interação discursiva entre as disciplinas e suas diferentes linguagens, e a construção dialógico-discursiva do indivíduo, afirma. Enfim, segundo Bialostosky, a teoria bakhtiniana nos “alerta sobre as limitações em nossos modelos retóricos e, ao mesmo tempo, sugere modos de transcendê-las, ainda que sob o risco de perder a retórica, ou ao menos a retórica tal como a conhecemos”<sup>14</sup> (p.13; minha tradução). Essa questão, a meu ver, o autor ousa enfrentar teórica e praticamente com sucesso e proveito, numa obra que mostra a coerência e a unidade do pensamento que desenvolveu ao longo de toda a carreira profissional.

Finalmente devo acrescentar que a obra apresenta uma lista de referências bastante útil para aprofundamento de qualquer um dos tópicos tratados, e um bem cuidado índice onomástico. Mas quero destacar ainda mais uma questão: a leitura da coletânea também oferece, com muita clareza, as condições concretas em que são produzidos os diferentes ensaios e, então, exotopicamente, observamos particularmente a grande importância do ensino da produção textual na universidade americana, ao lado da efervescência dos estudos retóricos, intimamente ligados às disciplinas de redação – composição de texto

---

<sup>12</sup> No original: “In his theory of discourse, he rehabilitates the most abjected part of Aristotle’s rhetoric—delivery—and he subordinates Aristotle’s most important part—invention—to arrangement, style, and delivery” (p.122).

<sup>13</sup> No original: “A dialogic orientation to teaching writing differs from other social theories of discourse in its vision of ideologically situated persons involved in struggles over the meanings of things and the ownership of words” (p.152).

<sup>14</sup> No original: “His work alerts us to limitations in our rhetorical models and at the same time suggests ways to transcend them, even at the risk of losing rhetoric, or at least rhetoric as we know it” (p.13).



(acadêmico, poético ou ficcional) e crítica textual. Boa reflexão para nossas universidades...

*Recebido em 13/03/2017*

*Aprovado em 18/08/2017*